
REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE *CULTURA*

Rogério Tilio (Unigranrio)
Doutor em Letras

Resumo

Este é o primeiro de uma série de três artigos que pretendem discutir as questões cultural e identitária na pós-modernidade. Neste primeiro texto, considerações acerca do conceito de cultura serão tecidas, visando discutir a relevância deste tema na contemporaneidade. A palavra *cultura* é polissêmica, trazendo consigo uma pluralidade de sentidos que remetem a significados diversos em áreas do conhecimento diferentes. Após explicitar meu posicionamento teórico acerca do conceito, traço um perfil diacrônico do termo, começando no surgimento da palavra e chegando à forma como é entendida no momento atual perante o fenômeno da globalização. Finalmente, discuto a importância de se adotar um conceito crítico de cultura.

Palavras-chave

Cultura, conceitos, pós-modernidade, postura crítica

Abstract

This is the first of a series of three articles aiming to discuss cultural and identity issues in post modernity. In this first text, considerations will be woven about the concept of culture, in order to discuss the relevance of this topic in the contemporary time. The word *culture* is polissemic, carrying in it plural intentions which lead to diverse meanings in different areas of knowledge. After setting my theoretical positioning concerning the concept, I draw a diachronic outline of the term, from the time the word first appeared to the present time, when it should be understood as part of the globalization phenomenum. Finally, I discuss the importance of adopting a critical concept of culture.

Keywords

Culture, concepts, post modernity, critical perspective

1. O conceito de *cultura*: questões gerais

Afinal, o que é cultura? Antes de mais nada, é preciso definir este conceito. Neste trabalho, meu objetivo não é estabelecer uma definição definitiva para o termo, mas apenas discutir significados associados a ele e esclarecer qual a acepção de cultura aqui utilizada na análise de livros didáticos. Definições equivocadas dão conta da utilização da palavra cultura no singular e com "c" maiúsculo (KRAMSCH, 1988). É em torno desses dois “equivocos” que norteio minha discussão.

O primeiro “equivoco”, o uso do singular, implicaria a existência de uma cultura única, em que um conjunto de características e definições serviriam para descrever igualmente todos os membros de um determinado grupo (ABBUD, 1998; KRAMSCH, 1998) – o grupo pertencente à cultura em questão. É dentro desta conceituação que se enquadra a noção de *cultura nacional*. Segundo tal conceito, todos os membros de um determinado país podem ser uniformizados: por pertencerem a um mesmo país, e conseqüentemente a uma mesma cultura, todos agem da mesma forma, e o que é verdade para um também é verdade para os outros. Tal simplismo não é verdadeiro, e não apenas por se tratar de um grupo nacional, de grandes dimensões; não é verdadeiro para nenhum grupo fechado. Todos os participantes de um grupo nunca são homogêneos em todos os seus aspectos, pois cada um desses indivíduos possui múltiplas identidades sociais. Na verdade, convivemos com uma pluralidade de culturas; um indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a várias culturas diferentes (ABBUD, 1998; BAUMAN, 1999; CASTELLS, 1999; CESNIK & BELTRAME, 2005; FRIDMAN, 2000; HALL, 1992 [2003]; KRAMSCH, 1998; SOARES, L. E., 2001), até porque “nossas sociedades se interconectaram globalmente e tornaram-se culturalmente inter-relacionadas” (CASTELLS, 1999, p. 19).

Portanto, não é por pessoas partilharem algumas culturas que podemos classificá-las com o mesmo rótulo. Se por um lado elas pertencem a algumas comunidades culturais em comum, por outro lado elas também pertencem a várias outras comunidades culturais diferentes, às vezes tão diferentes que podem fazer com que suas diferenças sejam muito mais visíveis que suas poucas semelhanças. É preciso levar em conta todos os grupos culturais

relevantes na vida de um indivíduo para ser possível traçar um perfil deste indivíduo. O conceito de cultura nacional, por exemplo, é muito amplo. Existem culturas regionais, familiares, educacionais, profissionais, sexuais etc. O fato de duas pessoas serem de uma mesma nacionalidade é apenas uma característica na vida dessas duas pessoas. É preciso levar-se em conta também as diferenças entre elas. Apesar de terem a mesma nacionalidade, essas pessoas podem ser de regiões diferentes do mesmo país, podem ter nascido em épocas diferentes, ter diferentes religiões, sexos, orientações sexuais, profissões, hábitos etc. O conceito de cultura é um conceito essencialmente plural (KRAMSCH, 1998).

Além disso, no momento sócio-histórico atual, não se pode pensar a cultura como hermeticamente local. Devido aos efeitos da globalização, todas as culturas mundiais estão em constante transformação e reconfiguração. Traços de uma cultura podem ser facilmente identificados em outras, e não se pode determinar a quem tais traços pertencem. Vivemos em uma época de hibridismo cultural (HALL, 1992 [2003]). Segundo Clifford (1998),

a cultura não pode ser pensada como tendo amarras inevitáveis à localidade, pois significados são gerados por pessoas em movimento e pelo fluxo de conexões entre culturas (apud CESNIK & BELTRAME, 2005, p. XVIII).

O segundo “equivoco” que envolve o conceito de cultura é a crença em que toda cultura seja cultura com “c” maiúsculo (ABBUD, 1998; KRAMSCH, 1988). Existe **C**ultura e cultura. Ou melhor, **C**ulturas e culturas. O termo **C**ultura com “c” maiúsculo refere-se ao cânone em áreas do conhecimento, como História, Artes, Literatura, Política, Religião etc., ou em instituições, além de poder se referir a práticas sociais, significados e valores. Este sentido restrito da palavra **C**ultura refere-se exclusivamente às produções intelectuais e artísticas de uma sociedade (CUCHE, 1999, p. 237).

Tal conceito de cultura é válido; no entanto, não é único. Além dessa cultura como referencial histórico, temos que considerar o conceito plural de cultura com “c” minúsculo, que situa o indivíduo em diversas comunidades discursivas – grupos sociais que compartilham os mesmos interesses, a mesma forma de interagir, pensar, de se comportar e se comunicar (SWALES,

1990).

O conceito de cultura com “c” minúsculo é necessariamente não-essencialista (VELHO, 2001). Sendo assim, podemos dizer que as pessoas pertencem a diversas culturas, e segundo Cuche (1999, p. 243), “a Cultura está no centro *das* culturas”; dessa forma, em uma mesma sociedade, os indivíduos partilham simultaneamente uma mesma Cultura e diferentes culturas.

2. O conceito de *cultura*: um recorte diacrônico

Para aprofundar um pouco mais essas idéias, torna-se relevante analisar o surgimento do conceito de cultura e suas implicações sócio-históricas. Uma das primeiras definições formais de cultura, no âmbito da antropologia, pode ser atribuída ao antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, para quem:

cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (1871, p.1 apud CUCHE, 1999, p. 35).

Para Tylor, a cultura é caracterizada por sua dimensão coletiva e expressa a totalidade da vida social do homem (CUCHE, 1999). Enquanto a palavra civilização refere-se a sociedades primitivas, a palavra cultura rompe com essa idéia. Apesar de ser uma concepção universalista, a conceituação de Tylor é válida por ser a primeira tentativa de explicação da palavra cultura – condizente, aliás, com o seu momento sócio-histórico. Além disso, mesmo hoje em dia, as tentativas de uniformidade ainda se fazem presentes, mesmo que por motivos meramente políticos.

Uma outra grande contribuição também foi dada por Franz Boas, antropólogo alemão naturalizado americano, preocupado em estudar a diversidade humana. Para ele, não há diferença natural, biológica, entre os povos; as diferenças são culturais, adquiridas ao longo da vida, não inatas. O objetivo de Boas era o estudo “das culturas” e não “da Cultura” (CUCHE, 1999).

Foi também de Boas uma importante contribuição para a idéia de relativismo cultural. Acreditando que “cada cultura representa uma totalidade

singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade” (CUCHE, 1999, p. 45), sua preocupação era não apenas descrever fatos culturais, mas entendê-los inseridos em um conjunto de outros fatos aos quais estão ligados, ou seja, relacionando os fatos aos seus contextos e produzindo coerência, pois “não se pode analisar um traço cultural independentemente do sistema cultural ao qual ele pertence e que lhe dá sentido” (CUCHE, 1999, p. 241).

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. Boas pensava que a tarefa do antropólogo lingüista era também elucidar o vínculo que liga o indivíduo à sua cultura” (CUCHE, 1999, p. 45).

Boas também se preocupou em exaltar a dignidade de cada cultura e o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes (CUCHE, 1999). É esse um dos principais aspectos que quero analisar nos livros didáticos do *corpus* desta pesquisa: existe respeito a culturas diferentes, por parte dos livros, ao se ensinar a língua inglesa?

Aluna de Boas e, posteriormente, sua assistente, Ruth Benedict acreditava que o que caracterizava uma cultura eram seus padrões recorrentes, o que acabava gerando uma configuração.

Cada cultura se caracteriza (...) por seu *pattern*, isto é, por uma certa configuração, um certo estilo, um certo modelo. O termo implica a idéia de uma totalidade homogênea e coerente. Toda cultura é coerente, pois está de acordo com os objetivos por ela buscados, ligados a suas escolhas, no conjunto das escolhas culturais possíveis. Ela busca estes objetivos à revelia dos indivíduos, mas através deles, graças às instituições (sobretudo as educativas) que vão moldar todos os seus comportamentos, conforme os valores dominantes que lhes serão próprios (CUCHE, 1999, p. 77-78).

A definição acima pode parecer contraditória, pois ao mesmo tempo em que a autora afirma que a cultura não existe à revelia dos indivíduos, mas através deles, ela também afirma que o termo implica em totalidade homogênea e coerente. No entanto, tal totalidade não é necessariamente real, mas uma idéia implícita no termo. Afinal, algum grau de totalidade (“uma *certa*

configuração” – grifo meu) realmente existe. Para entender significados culturais, antropólogos buscam identificar padrões recorrentes que possibilitem identificar um grupo. “Uma cultura não é uma simples justaposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de combiná-los. De certo modo, cada cultura oferece aos indivíduos um ‘esquema’ inconsciente para todas as atividades da vida.” (CUCHE, 1999, p. 78). É aí que está a chamada totalidade: na unidade de um grupo a partir de significados contextualizados criados e compartilhados por esse grupo, fazendo com que o grupo se identifique.

A cultura é o elemento primordial que dá unidade a uma sociedade e se cria com base em relações que fazem sentido nesse contexto. (...) A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer (CESNIK & BELTRAME, 2005, p. 4).

Esta totalidade também pode ser representada, segundo Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês, pelo conjunto de sistemas simbólicos que representa uma certa cultura.

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros (1950, p. XIX apud CUCHE, 1999, p. 95).

Para Lévi-Strauss, as culturas particulares não podem ser compreendidas sem referência à Cultura, patrimônio da humanidade – fruto do momento sócio-histórico em que vivia. Entretanto, a compreensão de cultura como um sistema simbólico por ele proposta é de grande utilidade para entender o grau de homogeneidade que pode haver nos grupos sociais.

É importante ressaltar que a totalidade cultural é uma abstração, uma totalidade imaginária (SOARES, 2001). A totalidade não é singular, é apenas *mais uma* instância de produção cultural em interação constante com as demais. Ela não se sobrepõe às demais, nem as culturas tendem a uma convergência, pois seus interesses podem ser distintos.

Não é razoável explorar a teoria da cultura em termos de totalidades culturais empiricamente construídas; no entanto, é plausível reconhecer que a totalidade se produz, referindo-se a si enquanto unidade, paradoxalmente como um nível, apenas como mais um nível particular em que se processa a criação cultural (SOARES, 2001, p. 379).

Claro que as diversas totalizações não são convergentes (...). Os diversos esforços de articulação de crenças, práticas, imagens e valores setorizados, parciais, locais, adscritos a esferas específicas da vida social, não dialogam necessariamente entre si, nem tendem a um consenso (SOARES, 2001, p. 397).

No entanto, não se pode negar que a tentativa de convergência existe. As instâncias de totalização cultural normalmente equivalem à cultura da maioria ou de grupos com poder para manter sua cultura com essa imagem de totalidade. Dessa forma, a totalização pode também ser entendida como um esforço de articular discursivamente os diversos níveis e esferas culturais em direção a uma unidade plena, a uma completude imaginária (SOARES, 2001). Esse discurso pode levar à proclamação de “um discurso total sobre a vida, a sociedade e a cultura” (SOARES, 2001, p. 397).

Isso está cada vez mais presente no contexto atual da globalização. A pluralidade cultural não ocorre mais apenas dentro da sociedade, mas também entre diferentes sociedades. O discurso homogeneizador da totalização pode agora propagar-se mundialmente, atendendo aos interesses daqueles que mantêm esse discurso.

No contexto da globalização, as instâncias totalizantes assumem posições crescentemente privilegiadas nas relações com as demais esferas, ampliando progressivamente seu poder de ordená-las, rehierarquizá-las e compatibilizá-las, segundo suas próprias normas de prescrição de consistências e de exclusões. (SOARES, 2001, p. 400).

Por outro lado, a globalização pode vir a ser uma fonte saudável de trocas culturais, fazendo com que diferentes pessoas em diferentes partes do mundo se conheçam e se reconheçam no outro. Muito há a ser aprendido com outras culturas quando não se tem a pretensão de difundir a sua cultura como superior em relação às demais.

A cultura que se internacionaliza é o veículo saudável de conhecimento mútuo dos povos (...). Ela entabula o respeito às diferenças e o conhecimento como alternativa ao julgamento, alterando inclusive a percepção dos povos em relação à sua alteridade (CESNIK & BELTRAME, 2005, p. 21).

A globalização pode ser um processo saudável e, mais ainda, determinante na conformação de um mundo que se inter-relaciona em torno de valores construtivos, como os direitos culturais, os direitos humanos, a possibilidade de coordenação internacional para minimizar sofrimentos locais (CESNIK & BELTRAME, 2005, p. 22).

Assim como Benedict, que afirma que a cultura é moldada através dos indivíduos, Sapir entende que “o verdadeiro lugar da cultura são as interações individuais. Para ele, uma cultura é um conjunto de significações que são comunicadas pelos indivíduos de um dado grupo através destas interações” (CUCHE, 1999, p. 105). Benedict, entretanto, não descarta as relações de poder a que todos os indivíduos de uma sociedade estão sujeitos. Estas relações de poder afetam diretamente a sócio-construção da cultura, levando alguns sociólogos a acreditar que “cada grupo social faz parte de uma subcultura particular” (CUCHE, 1999, p. 101), dependendo das relações de poder a que cada grupo esteja exposto.

Apesar da validade do entendimento da existência da pluralidade de culturas em uma mesma sociedade, ou polivalência cultural (BAUMAN, 1999), o conceito de subcultura, vinculado ao conceito de poder, não parece condizente com uma abordagem interacionista de cultura. “Se a cultura nasce da interação entre os indivíduos e entre grupos de indivíduos, é errôneo encarar a subcultura como uma variante derivada da cultura global que existiria antes dela” (CUCHE, 1999, p. 107). A palavra subcultura carrega a idéia de inferioridade em relação a uma cultura superior, existente anteriormente à interação. Seria, portanto, uma visão preconceituosa – o que deve ser observado com cuidado em livros didáticos, principalmente de língua estrangeira, e principalmente de inglês, considerada uma língua global.

Outro problema seria reconhecer as fronteiras entre as subculturas. Propor uma diferenciação entre as culturas, visualizando-as como entidades separadas pode ser útil metodologicamente e é de grande valor para pensar a

diversidade cultural. Porém, como distinguir onde começa e onde termina determinada cultura (CUCHE, 1999), já que sua produção advém da interação?

A partir dessa visão interacionista, Cuche (1999) reconhece o caráter dinâmico da cultura, em constante (re)invenção (VELHO, 2001) e propõe sua própria definição. Para o autor, a cultura pode ser compreendida “como um conjunto dinâmico, mais ou menos homogêneo. Os elementos que compõem uma cultura não são jamais integrados uns aos outros pois provêm de fontes diversas no espaço e no tempo” (CUCHE, 1999, p. 140). A cultura não é, portanto, algo rígido, fechado; os indivíduos possuem liberdade não só para construir como também para “manipular” a cultura (CUCHE, 1999, p. 140).

Essa ênfase na interação faz da cultura um produto social. As culturas nascem de relações sociais, que são necessariamente desiguais. Há hierarquia entre culturas porque há hierarquia social. A cultura da classe dominante é sempre a cultura dominante. Não se trata de uma cultura ser melhor do que outra; trata-se de determinados grupos terem maior poder para impor suas culturas sobre outros grupos.

A força relativa de diferentes culturas em competição depende diretamente da força social relativa dos grupos que as sustentam. Falar de cultura “dominante” ou de cultura “dominada” é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros. Nesta perspectiva, uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em menor grau), mas pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante (CUCHE, 1999, p. 145).

No entanto, a imposição cultural não é garantida, pois sempre pode haver resistência ao poder. Além de resistência, a tentativa de imposição pode também causar a rejeição.

Uma cultura dominante não pode se impor totalmente a uma cultura dominada como um grupo pode fazê-lo em relação a um outro grupo mais fraco. A dominação cultural nunca é total e definitivamente garantida e por esta razão, ela deve sempre ser acompanhada de um trabalho para inculcar esta dominação cujos efeitos não são jamais unívocos; eles são às vezes efeitos “perversos”, contrários às expectativas dos dominantes, pois sofrer a dominação não significa necessariamente aceitá-la (CUCHE, 1999, p. 146).

Além de uma produção social, a cultura é também uma produção histórica; mais precisamente, uma construção inscrita na história das relações entre grupos sociais. “Para analisar um sistema cultural é então necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz como ele é” (BALANDIER, 1955 apud CUCHE, 1999, p. 143).

3. Um conceito crítico de *cultura*

Acredito, assim, estar adotando aqui uma postura crítica em relação à cultura. Roberts et al. (2001) assumem que, assim como a linguagem, a cultura também deve ser entendida em relação a duas perspectivas: uma funcional, descrevendo a realidade, e uma construtivista, em que a realidade é construída ou constituída nas interações sociais. Com base nestas duas perspectivas, os autores reconhecem três visões do conceito de cultura: a cognitiva, a simbólica e a crítica.

A visão cognitiva é uma postura mentalista, na qual a cultura é abstraída do comportamento dos indivíduos e entendida como conhecimento compartilhado por um determinado grupo. Por outro lado, na visão simbólica a cultura é entendida como um sistema de significados públicos; diferentemente da visão cognitiva, os significados culturais não se encontram na mente dos indivíduos, mas nas interações e ações simbólicas de indivíduos que compartilham os mesmos símbolos e comportamentos. Ambas as visões, entretanto, apesar de trazerem contribuições para a definição do conceito de cultura, são um tanto estáticas e não problematizadoras.

Às visões descritiva (cognitiva) e interpretativa (simbólica) de cultura, Roberts et al. (2001) acrescentam a visão crítica, não essencialista, que leva a questionamentos e desnaturalizações. A visão crítica de cultura não aceita assunções sobre o que seja conhecimento (visão cognitiva) ou comportamento simbólico (visão simbólica) e entende que os sujeitos falam de determinados lugares, de determinadas posições, e com determinadas crenças em mente, tendendo, portanto, a identificar seus padrões culturais como os normais e naturais.

A autora propõe ainda que a noção de cultura deve ser entendida como um verbo, pois os indivíduos são agentes da cultura, e não seus simples portadores. O conceito de cultura é dinâmico, nunca estático. “*Culture is ‘doing’ rather than ‘being’*” (ROBERTS ET AL., 2001, p. 54-55): “cultura é fazer, não apenas ser”.

Kramersch (1998, p. 127), preocupada com o papel da cultura no ensino de línguas, enumera três definições simplificadas de cultura:

cultura (1) Fazer parte de uma comunidade discursiva que compartilha o mesmo espaço social e a mesma história, além de maneiras particulares de perceber, acreditar, avaliar, e agir. **(2)** a comunidade discursiva em si. **(3)** as características próprias da comunidade.

O conceito de cultura, portanto, está intimamente ligado ao conceito de identidade. Bhabha (1998) acredita que as diferentes culturas às quais um indivíduo pertence são determinantes das identidades desse indivíduo. No entanto, discordo da relação de causalidade por ele estabelecida. Sem dúvida, a pertinência a determinadas culturas pode influenciar as identidades do indivíduo, mas não necessariamente a *determinam*. Além disso, a relação também pode ser inversa: as identidades de um indivíduo podem levar a sua inclusão em determinadas culturas e comunidades discursivas.

4. Referências bibliográficas

ABBUD, S. Cultura, culturas e ensino de línguas estrangeiras. **Revista interfaces**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, p. 45-56, out. 1998.

BALANDIER, G. La notion de “situation” coloniale. In: **Sociologie actuelle de l’Afrique noire**. Paris: PUF, 1955. p. 3-38.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005.

CLIFFORD, J. **The predicament of culture**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

FRIDMAN, M. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

HALL, S. [1992]. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KRAMSCH, C. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KRAMSCH, C. The cultural discourse of foreign language textbooks. In: SINGERMAN, A. (Ed.). **Toward a new integration of language and culture**. Middlebury, VT: Northeast Conference on the Teaching of Foreign Languages, 1988. p. 63-88.

LÉVI-STRAUSS, C. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 1950. p. IX-LII.

ROBERTS, C. et al. **Language learners as ethnographers**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

SOARES, L. E. Globalização como deslocamento de relações intraculturais. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 379-409. p. 379-409.

SWALES, J. **Genre analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

TYLOR, E. B. **La civilization primitive**. 2 v. Paris: Reinwald, 1876-1878.

VELHO, O. Globalização: objeto, perspectiva, horizonte. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 103-1